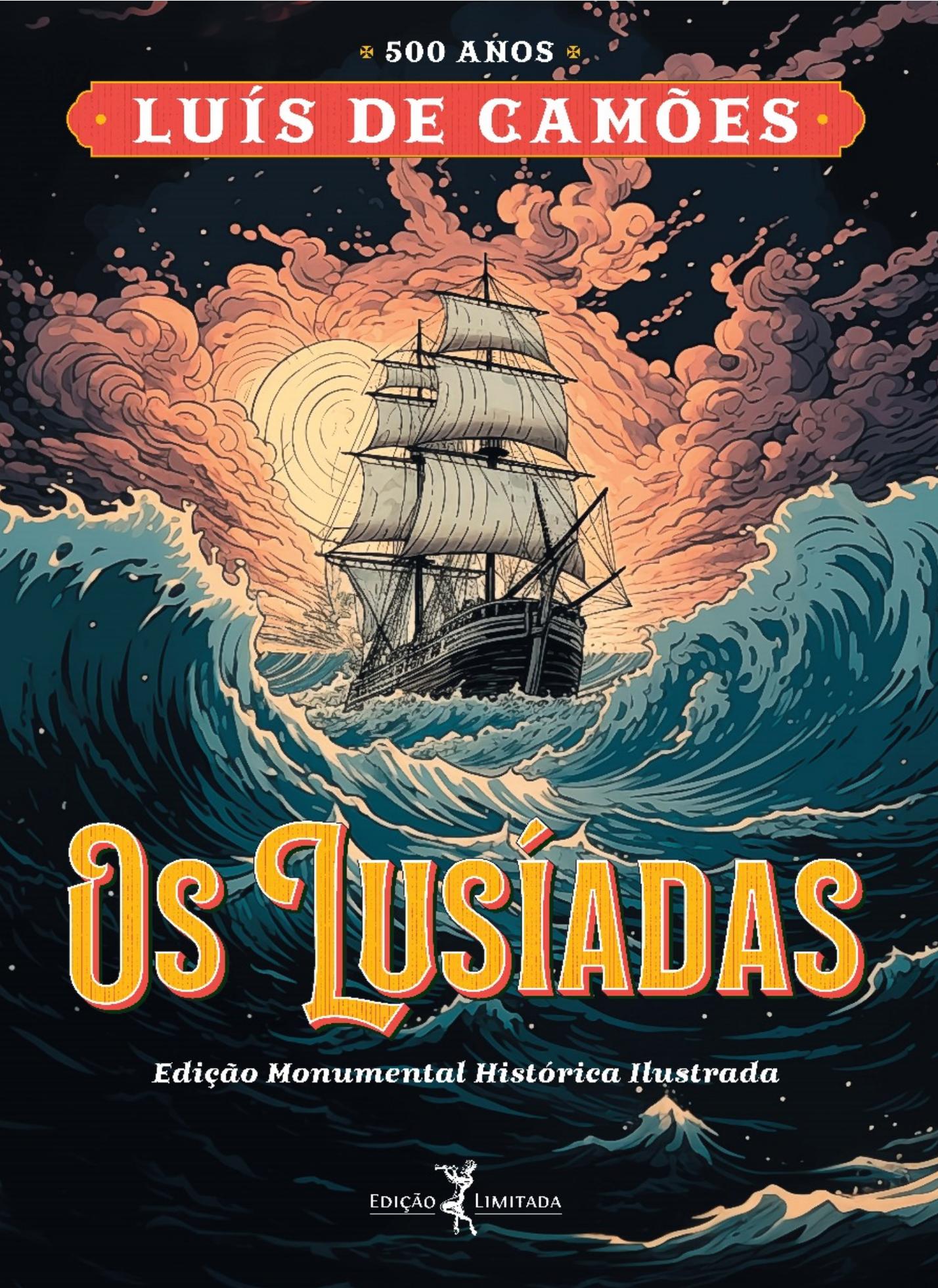


✦ 500 ANOS ✦

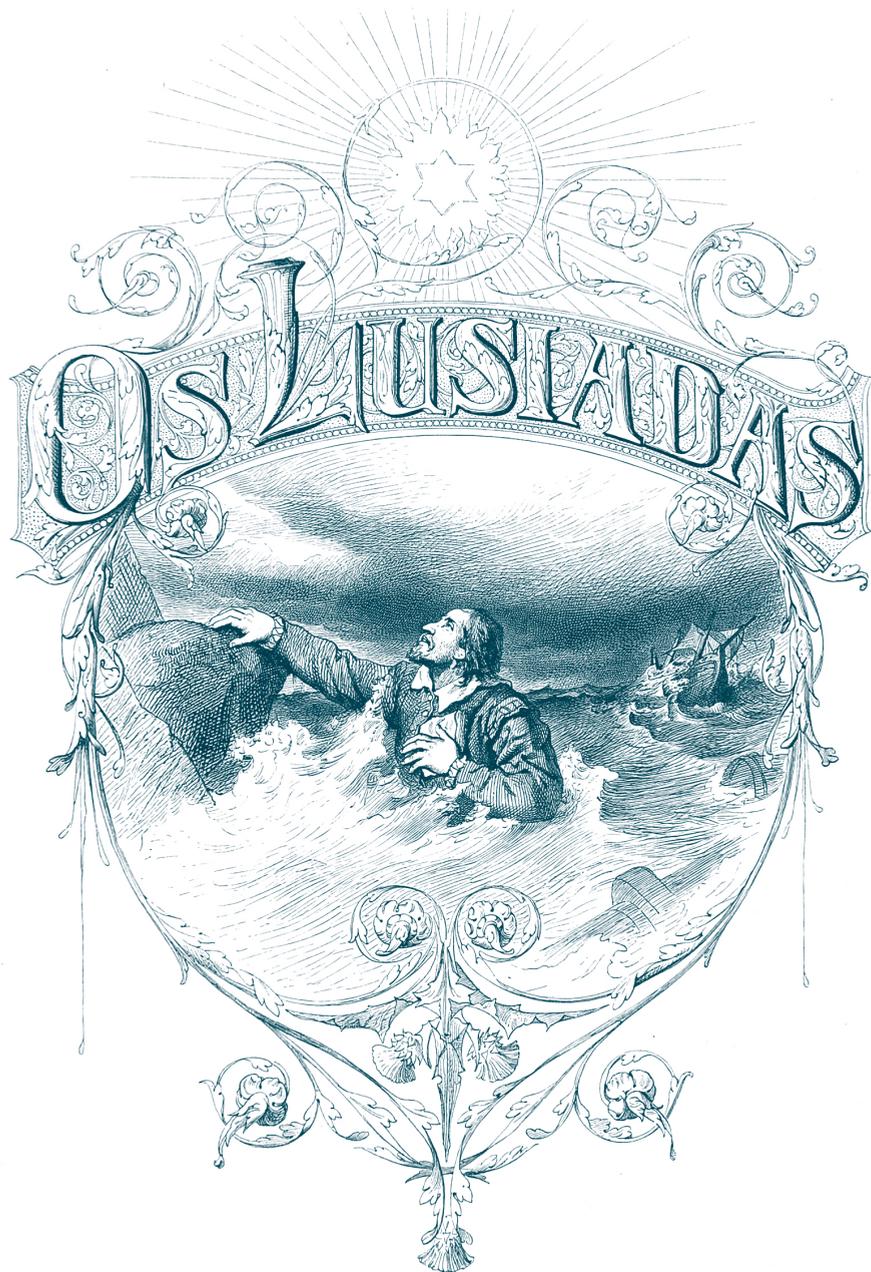
• LUÍS DE CAMÕES •

A detailed illustration of a three-masted sailing ship, likely a Portuguese caravel, navigating through a turbulent sea. The ship is shown from a three-quarter perspective, with its sails partially set. The sea is depicted with large, dark blue waves and white foam. The sky is filled with dramatic, swirling clouds in shades of orange, red, and purple, suggesting a sunset or sunrise. The overall style is reminiscent of classic maritime art or a stylized illustration.

Os Lusíadas

Edição Monumental Histórica Ilustrada

EDIÇÃO  LIMITADA



APRESENTAÇÃO

Esta obra traz a reprodução, em sua maior parte, das edições históricas de *Os Lusíadas*, editadas por Morgado de Matteus em 1817 e por Emilio Biel, por ocasião do terceiro centenário da morte do poeta.

DAS EDIÇÕES

De todas as edições da obra até os dias de hoje, em Portugal e Brasil, e em diversas partes do mundo, quatro assumem grande valor histórico. As duas primeiras, publicadas em 1572 em Portugal, são edições diferentes, com o poeta ainda vivo, sob o título: *Os Lusíadas de Luiz de Camões. Com privilegio real. Impressos em Lisboa, com licença da Santa Inquisição, e do Ordinário; em casa de Antonio Gonçalves, impressor, 1572.* E as edições no século XIX: uma publicada por Morgado de Matteus em 1817, impressa na França, pela casa Didot, e a outra publicada em 1880 por Emílio de Biel, sob o título *Os Lusíadas de Luiz de Camões. Edição crítica — comemorativa do terceiro centenário da morte do grande poeta. Publicada no Porto por Emilio Biel.*

Esta edição de 1817 é chamada de edição histórica e monumental por diversos motivos. Traz dois retratos de Camões, o primeiro em busto, com adornos, logo na abertura deste livro, e o segundo, em corpo inteiro, figurando o poeta na gruta de Macau (página 75). Esta edição é ilustrada em seus mínimos detalhes, desde a criação de estampas para as letras capitulares até as cenas mais importantes do épico — é algo para se ver nos detalhes porque houve um primor dos artistas que realizaram esse trabalho mais de 140 anos atrás. A tiragem desta edição monumental foi de apenas 210 exemplares, que foi dada como presente para reis, imperadores e governos dos principais países do mundo, e hoje são consideradas raríssimas.

Do total de exemplares da obra, D. José Maria de Sousa distribuiu 179 como presentes. Desses, 11 foram enviados para o Brasil, 66 para Portugal, 22 para a França, 28 para a Inglaterra, 5 para a Espanha, 13 para a Itália, 30 para o Norte, 2 para a América e outros 2 destinaram-se à Ásia.

Entre os agraciados estavam personalidades eminentes, incluindo monarcas e príncipes. Entre eles contavam-se o conde de Palmela, António Ribeiro dos Santos, Sismonde de Sismondi, Lord Castlereagh, Reynonard, David Hume, a condessa de Albany, o conde de Nevelrode, Metternich e dois representantes da família Bonaparte: o príncipe Eugênio e a rainha

Hortênsia de Beauharnais. Essa edição foi destinada exclusivamente a presentes. Contudo, o Morgado Matteus autorizou que, na renomada imprensa Didot — local da elaboração dessa notável edição —, se realizasse uma tiragem adicional para o público, o que aconteceu ainda em 1836.

A impressão luxuosa traz estampas que são verdadeiras obras de arte, trabalho dos mais distintos gravadores em cobre, e desenho de artistas também renomados. Sua tiragem custou mais de 9.000\$000 réis. Foi impressa na Typographia de Giesecke & Devrient, estabelecimento graphico, Leipzig (Alemanha). As estampas são vinte e duas, onze reproduzidas das da edição do Morgado de Matteus e dez de composição nova, desenhadas e gravadas em Leipzig.

AINDA SOBRE ESTA EDIÇÃO

O que você, leitor, tem em mãos é uma edição luxuosa que buscou aproximar-se em seus melhores aspectos às edições do século XIX. O poema, *Os Lusíadas*, para ficar inteligível, está na versão atual. Não faria sentido dificultar sua leitura, pois esta obra pretende trazer o melhor das edições históricas e, ainda assim, permitir que o leitor desfrute do poema, enquanto aprecia as belíssimas ilustrações.

O EDITOR

São Paulo, 2024

500 anos do nascimento de Luís Vaz de Camões.

SUMÁRIO



APRESENTAÇÃO	5
DAS EDIÇÕES	5
ARTISTAS	13
VISÃO	15
INTRODUÇÃO – PROSPECTO	25
INTRODUÇÃO	31
A PRESENTE EDIÇÃO	61

OS LUSÍADAS

CANTO I	71
CANTO 2	95
CANTO 3	119
CANTO 4	147
CANTO 5	169
CANTO 6	191
CANTO 7	213
CANTO 8	233
CANTO 9	255
CANTO 10	277
A VIDA E OBRA DE LUIZ DE CAMÕES	309

OS LUSIADAS

DE

LUIZ DE CAMÕES

EDIÇÃO CRÍTICA COMMEMORATIVA

COMBINAÇÃO DAS EDIÇÕES HISTÓRICAS DE 1817,
DE MORGADO DE MATTEUS E DE 1880 DE EMILIO DE BIEL

SÃO PAULO, MMXXIV

EDIÇÃO  LIMITADA



OS LUSIADAS

Imp Giesecke & Devrient, Lpzg

EMILIO BIEL

Photogr. de Fillon.

*Fotogravura do Imperador do Brasil D. Pedro II,
aberta em chapa de aço, feita por uma photographia de Fillon.*

A Sua Magestade

O Senhor

D. Pedro II

Imperador do Brazil

Homenagem do mais profundo respeito

offerece e dedica

o editor

Emilio Biel

**INTRODUÇÃO, NOTAS, TABELLAS DE VARIANTES
E REVISÃO DO TEXTO**

BASEADA NA 2^A EDIÇÃO DE 1572, E NA DE 1834 (DE HAMBURGO)

REVISTA E RETOCADA

PELO EXC^{MO}. SNR.

JOSÉ GOMES MONTEIRO

SOCIO CORRESPONDENTE DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

E MEMBRO DE VARIAS ACADEMIAS ESTRANGEIRAS

POEMETO COMMEMORATIVO

CAMÕES E OS LUSIADAS

(ESTUDO SOBRE A VIDA E OBRAS DO POETA)

PELO EXC^{MO}. SNR.

JOSÉ DA SILVA MENDES LEAL

DO CONSELHO DE SUA MAGESTADE,

PAR DO REINO, MINISTRO E SECRETARIO D'ESTADO HONORARIO,

SOCIO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA,

ENVIADO EXTRAORDINARIO E MINISTRO PLENIPOTENCIARIO DE S. M. F. EM PARIS, ETC., ETC.

ARTISTAS

que pelo seus trabalhos enriquecem esta obra

QUADROS A OLEO que serviram de base às gravuras em aço, de
BEGAS, professor de Eschola Artistica de BERLIN;
LIEZEN-MAYER, director da Academia de Bellas Artes de STUTTGART;
KOSTKA, pintor historico de BERLIN.

GRAVURAS em aço executadas pelos artistas
DEININGER, GOLDBERG, KRAUSSE, LINDNER, MARTIN, NÜSSER, PICKEL,
SCHULTHEISS, WAGENMANN.

DESENHOS para as iniciaes e vinhetas finaes, de
LUDWIG BURGER, membro da Academia de Bellas Artes de BERLIN,
desenhados na madeira por MARTIN LAEMMEL e P. GROTJOHANN, e gravados
por R. BREND'AMOUR & C.^a e KAESEBERG & OERTEL.

PHOTO-GRAVURAS executadas por
EMILIO BIEL & C.^a (antiga casa FRITZ — PORTO).

COMPOSIÇÕES das paginas-titulos e, chromo-typo, de
A. GNAUTH, director da Eschola Academica de NÜRNBERG.

PAPEL para o texto, fornecido por
BOHNENBERGER & C.^a — PFORZHEIM.

PAPEL para as gravuras, fornecido por
B. SIEGISMUND — LEIPZING.

EXECUÇÃO ARTISTICA DA OBRA E IMPRESSÃO por
GIESECKE & DEVRIENT, Instituto Typographico de LEIPZIG.



VISÃO

10 DE JUNHO DE 1880

I

Tres seculos! Um átomo no espaço
Ao que a celeste paz no Emypyreo goza
Do Eterno aos pés, da gloria no regaço!
Tal Camões: na morada luminosa
Nem vê fugir ao mundo o tempo escasso;
Mas a Summa Justiça, carinhosa,
Quiz lhe fossem, resgate do abandono,
Tres seculos os tres degraus d'um throno.

Throno excelso, que mais e mais se alteia
Quanto mais o immortal cantor do Gama
Deixa limpida ver a clara veia,
E quanto mais de vel-a exulta a Fama,
Lançando á terra amada e gente alheia
O alígero pregão, que ovante o acclama
Estro viril nas epochas peores,
Bom entre os bons e grande entre os maiores!



E foi. — Esse ó poeta, o dom sublime
Sobre os mais de teus dons, teu privilegio;
Esse a ingratos exalta e lhes redime,
Puro holocausto, o negro sacrilegio;
Esse te alçou, vingando-te de um crime,
Das sombras terrenas ao solio egregio,
E te poz o diadema sem segundo
Na frente indómita, onde coube um mundo!

Nas dobras escondeste de teu manto
As protérvias da patria, incauta presa;
E mais que o genio teu, mais que teu
canto,
Admiro em ti a stoica fortaleza
Com que em braços da morte, enxuto o
pranto,
Sóltas, deixando o exemplo da grandeza,
Por brinde, por legado e por memoria,
Na campna aberta o hymno da victoria.

Contemplo-te, ó Camões, na plenitude
Magnanima e fatal do teu destino,
Mais assombro e lição quanto mais rude;
Contemplo-te, juntando peregrino
Ás palmas do talento as da virtude;
E transportado, e extatico me inclino,
Levando-me a teus pés a mente abstracta
Na férvida attracção que me arrebatá.

II

Ai! vejo-te — espectáculo funesto! —
Triste descer, em passo lento e grave,
A capital deserta, — agora um resto
Da que fôra do Oriente unica chave, —
Buscando scismador, sem voz, sem gesto,
Algum ermo areal, que o Tejo lave,
Onde possas cuidar no tempo antigo,
Vulto sob'rano em roupas de mendigo.

Saúdo-te, e não vês: os olhos lanças
Ao mar, ao ceu, ás mauritanas costas,
Como aguardando um longe de esperanças.
Tanto do muito ver já te desgostas
Que nem olhas da sorte ás esquivanças,
Nem reparas nas turbas mal dispostas,
Que, tomadas de espanto em seu
tormento,
Aggravam co'a demencia o detrimento.

O formoso edificio, levantado
Com tanto amor e esforço tão potente,
Aberto está d'um lado e d'outro lado
Á fúria dos tufões, internamente
Sem base, posto em vão, desconjuntado.
Sábel-o, e calas o que tens na mente!
Nem vês, nem ouves, em ti mesmo
absorto,
Espirito vivaz num corpo morto!

Pois a chaga sondaste, e assim mediste
 Quanto a grangrena é funda, o mal sem
 cura,
 Que esperas inda? A fé, que em ti persiste,
 Pede um milagre a Deus, e alli procura
 O signal d'elle. Em quanto — opprobrio
 triste! —
 A ingratição explora a desventura
 De rastos ante os perfidos engodos,
 Tu só, tu só de pé! — tu só por todos!

Mas o prodigio, sonho derradeiro,
 O Altissimo o negou, surdo a teu voto:
 Em vez d'elle, um som funebre, agoureiro,
 E o despertar em longo terremoto.
 O monarcha infeliz, novel guerreiro,
 Em Africa ficára! ... Após, o immoto
 Phantasma do torpor! ... Após, desmaio
 Das tôrvas gentes, que assombrára o raio!

Ouvindo o caso miserando e fero,
 Num impeto arrogante de soldado,
 A voz dás, que me inflamma e te venero:
 “Ás armas, Portugal! Serás vingado! ...”
 Soledade sem echo! — Então, severo,
 Descobres-te, e, nos ceus o olhar cravado,
 Bradas: “Adeus, meu rei, victima em tudo:
 “Augusto cavalleiro, eu te saúdo!”

E, para ti, depois vaes murmurando:
 “O coração me estala e se rebella! ...
 “Que inspiração, ó rei, que voz, que
 mando
 “Te expoz a tanto horror tão sem cautela?
 ...
 “Se ao regio elmo a c'roa, deslizando,
 “No sangue cae, cae a nação com ella;
 “E a purpura, rasgada na batalha,
 “Se aos reis é honra, aos povos é mortalha!

“Não vias que era engano ou, mais,
 delirio,
 “Desamparar a nau, revoltos o pego? ...
 “Mas que digo?! Perdão, candido lirio
 “Cortado em flor, perdôa: não renego,
 “Explico, acceito, absorvo o teu martyrio
 ...
 “Não podias ver, não, porque ias cego!”
 Disseste; e entraste logo na agonia,
 Longa e tenaz, de quem se despedia.

De quem já se despede, consternado,
 Não do seu mal, mas da ruina immensa
 No immenso patrimonio d'um passado,
 Nobre e commum brazão; dentro a
 descrença
 Dos homens e do mundo; enfim, pregado
 Na cruz do seu calvario; sem detença
 Pedindo, contra a dor que todo o invade,
 O abrigo dos mortaes, a eternidade!

Sigo-te ainda ao pobre, extremo leito,
 Onde sorris á mingoa que se agrava;
 Ouço-te — ouvi no coração desfeito —
 O suspiro de allivio, que soltava
 A maior alma presa a humano peito,
 Quebrando, livre, o encerro em que era
 escrava:
 E vejo-te, na hora transitoria,
 Romper das trevas, resurgir na gloria!

III

Co'os olhos te acompanho, assento o fito
 No rapido ascender; observo attento,
 E descubro no interno — Deus bemdito!
 —

A célica extensão do firmamento
 A alongar-se, a esvaír-se no infinito,
 Sobreposto, no ethereo pavimento,
 Ao translúcido alvor dos alabastros
 Azul tapete, cravejado de astros;

Mundo intermedio, estancia crystallina,
 Que de serena claridade inunda
 Um reflexo eternal da luz divina;
 Mansão aberta na amplidão profunda
 Aos escolhidos, que o Senhor destina
 A serem voz que o nome seu diffunda
 Co'a prova mais cabal e mais patente,
 A propria emanação do Omnipotente.

Eis te assomas ao ambito estrellado! ...
 É elle? Es tu, Camões! ... Oh! quem
 dissera! ...
 Curvo, ancioso, abatido, em tal estado
 Ao penetrar na rutilante esfera!
 Meditabundo em vez de alvoroçado!
 Arrastando, em mudez que não se altera,
 Os tardos passos na sidérea alfombra,
 Sombra da patria, de ti mesmo sombra! ...

Ai! Sei. — A patria te desvela ainda!
 Vão-se-te os olhos nella; e de cuidadoso
 Nem dás pela suave dita infinda
 Que est'outra patria, a patria do repôso
 Branda te offerta, placida te brinda,
 Premio justo de um animo extremoso:
 Cogitas no infortunio que deixaste!
 Doe-te o fulgor; affronta-te o contraste!

Oh! portento! Nos fúlgidos caminhos
 Tres vultos surgem ... Distinguil-os quero
 ...

As vestes longas, alvas mais que
 arminhos,
 A fronte laureada, o porte austero,
 Um mais proximo, os outros já visinhos
 ...

Este Petrarcha; atraz, Virgilio e Homero!

—
 Petrarcha chega, encara, e sem demora
 Exclama, jubiloso, em voz sonora:

IV

“Camões, bem vindo! Abraça-me!

“Não pases do transporte:

“Num mesmo ponto a sorte

“Os dous nos fez irmãos.

“Soltei na terra os canticos

“De púdicos fervores:

“Poeta dos amores,

“Unamos peito e mãos.

“D’um rosto, um nome, um idolo

“Penei, saudoso e triste:

“Carpi, qual tu carpiste;

“Qual tu amaste, amei.

“Laura ou Natércia, o extase

“Nos deram, que não dura:

“Amar sem ter ventura

“Foi tua e minha lei.

“Se nauta foste impávido,

“E foste audaz guerreiro,

“Nas lides o primeiro,

“Primeiro no cantar;

“Se em nobre e raro epílogo

“Quinhôas, representas

“As luctas e as tormentas

“Dos homens e do mar;

“Não menos dás aos pósteros,

“Qual dei, exemplo acceito,

“Sagrando á gloria um peito,

“Ao culto seu fiel.

“Serás, em breve, o oráculo

“Do povo teu amado:

“Vem pois a nosso lado

“Cingir o teu laurel!”

V

Virgilio acode então, que estava tudo
ouvindo:

“Bem vindo, filho meu! bem vindo sê,
bem vindo!

“O emblema que nos orna, em tua fronte
o vês.

“Oh! não temas pereça o nome
portuguez,

“Celebrado por ti, quasi em meu patrio
idioma:

“Vens de Roma tambem; resuscitaste
Roma”

“Outra, abrigada á protecção da cruz,

“Que afortunado viste, e a ti e aos teus foi
luz.

“Roma em vós reviveu, nova e caudal
torrente,

“Que vae da foz do Tejo até confins do
Oriente.

“Aos immortaes heroes deste um canto
immortal,

“E receias ... O que? ... Não morre quem
fez tal.

“Julgas ver sobre os teus o horror do
Apocalypse?
“Tem deliquios um povo; os astros tem
eclipse.
“Nem tudo ensombrará, que ficas tu
pharol:
“É densa a escuridão, mas não apaga o Sol.
“Eu o exílio cantei d’um chefe, ultima joia
“De Pérgamo, evadido ao campo em que
foi Troya;
“A constancia cantei, cantei o audaz valor
“D’um grupo forasteiro; e o lento recompôr
“De mais ditosa patria; e as armas e os
combates
“Em torno ao lar incerto e aos rusticos
penates.
“Era o germe: abrolhou, brotou, medrou,
cresceu ...
“Vê hoje que alta fama abona o povo meu!”

VI

“Escuta”, Homero atalla — “ó filho de
meus filhos.
“Os alcantis galgaste, os rudes, invios
trilhos,
“Que levam, pouco a pouco, á altura amena
e chã,
“D’onde o mundo se observa em perennal
manhã;
“E nem volves o olhar, tanto o mal crês
seguro,
“Ao — ninho teu paterno, — ao teu e seu
futuro,

“Que á larga vista aqui se mostra já sem
veus? ...
“Ergues o rosto emfim! Saúdas grato os
ceus.
“E clamas: Patria, irmãos, exultai — que a
esperança
“Da liberdade vossa está na vossa lança! —”
“Resgatada a entreviste, e em palmas
reflorir,
“Terra de tanto amor: triumphas no porvir!
...
“Palmas tuas, poeta! Ingente e nobre
exemplo!
“A patria é mais que berço; a patria é quasi
um templo;
“E grande, e inspirador, nos seculos só é
“Genio que sabe unir aos hymnos esta fé! —
“O povo, o illustre povo, a quem leguei
meus cantos,
“De erro em erro desceu, regou de sangue e
prantos
“Um devastado solo, onde tudo prediz
“O imperio das facções, e ao longe os
grilhões vis:
“Põe-lhe o barbaro a mão, peor que a do
estrangeiro;
“É-lhe entre todos duro o longo captiveiro;
“Exhausto da oppressão, perdido alento e
voz,
“Padeceu dia a dia o trato mais atroz;
“E os netos dos heroes repetem no universo
“Um exodo sem fim d’outro Israel disperso.
“Mas a centelha antiga alastra sem cessar,

“E já, secreto fogo, arde em secreto altar.
“Eis vago som desperta os bélicos
transportes;
“Surde em prodigios mil o espirito dos
fortes;
“Recompensa a fortuna o esforço pertinaz;
“Phenix renasce a Grecia; a patria se refaz!
...
“Cedo ou tarde se apaga o desairoso
stigma,
“E o porquê, se já foi, deixou de ser
enigma.
“Póde esposar-se um povo; abolil-o,
ninguem,
“Se d’um grande passado o vasto archivo
tem.
“Tão sómente por si, a força mal se
hospéda:
“Quando menos se cuida, irrompe a
labareda...
“O archivo somos nós da heroica tradição
“Que viva se transmite a cada geração!

“Foi-nos o dom fatal? é este o nosso officio:
“O fructo vem da flor. Bem haja o
sacrificio!
“Es já saudade aos teus; invejam-te as
nações;
“Grande, grande serás. Nos braços meus,
Camões!”

VII

A vozes taes, que um sonho bom me
envia,
Acórdo, e vejo em torno do colosso
As saudações frementes d’este dia.
Um louvor a Camões, é d’elle e é nosso:
E, pois verdade sae a phantasia,
Grato deponho, já que mais não posso,
No altar da patria, nos annaes da
historia,
A palma eterna á sua eterna gloria!

Março de 1880.

J. DA S. MENDES LEAL.



OS LUSIADAS

DE

LUIZ DE CAMÕES

EDIÇÃO CRÍTICA

COM UM ESTUDO SOBRE A VIDA E OBRAS DO POETA

PELO EXC^{MO}. SNR.

JOSÉ DA SILVA MENDES LEAL

DO CONSELHO DE SUA Magestade, PAR DO REINO, MINISTRO E SECRETARIO D'ESTADO HONORARIO, SOCIO DA REAL ACADEMIA DAS SCIENCIAS DE LISBOA ENVIADO EXTRAORDINARIO E MINISTRO PLENIPOTENCIARIO DE S. M. F. EM PARIS ETC. ETC.

BASEADA SOBRE A 2^A. EDIÇÃO DE 1572, EMENDADA PELA DE 1834 (DE HAMBURGO)

REVISTA E RETOCADA

PELO EXC^{MO}. SNR.

JOSÉ GOMES MONTEIRO

SOCIO CORRESPONDENTE DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA E MEMBRO DE VARIAS ACADEMIAS ESTRANGEIRAS

ENRIQUECIDA COM 12 GRAVURAS ORIGINAES EM AÇO, TRABALHO DOS MAIS NOTAVEIS ARTISTAS DA EUROPA

ASSUMPTOS E DESENHOS APPROVADOS

POR

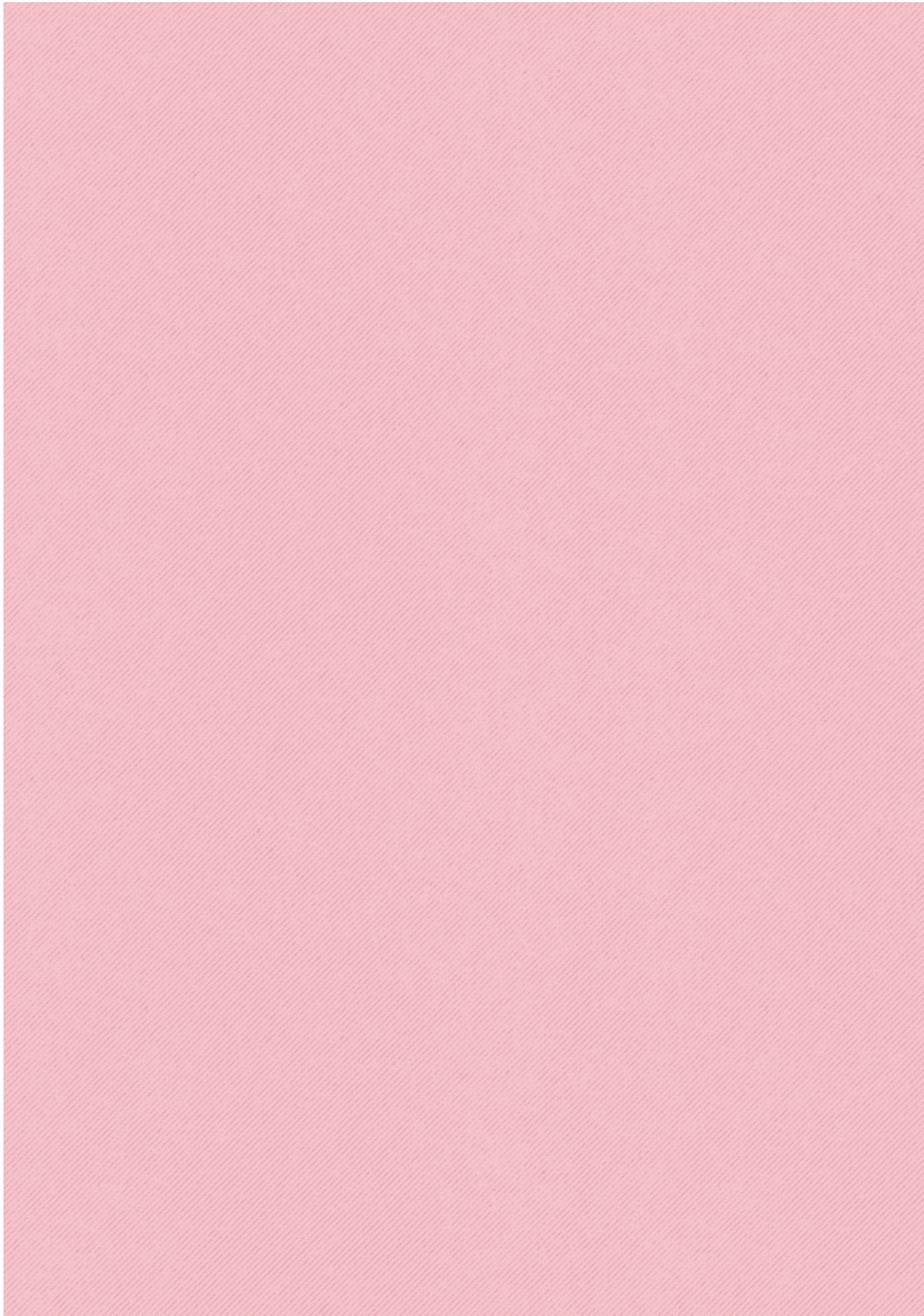
SUA Magestade EL-REI O SENHOR D. FERNANDO

PUBLICADA

POR

EMILIO BIEL

PORTO



INTRODUÇÃO — PROSPECTO

Constituem os *LUSIADAS* um dos mais potentes, dos mais efficazes e acceitos certificados da individualidade portugueza. Tal o conceituou desde logo o instincto nacional; tal o tem confirmado o testemunho dos doutos e o universal assenso dos seculos e dos povos.

Quando na ultima parte do seculo xvi uma aventura e uma catastrophe premeditada, sepultando em Africa o sceptro, entregavam inermes estes reinos, que pareciam mortalmente feridos, refugiava-se providencialmente a centelha vital nas paginas dos immortaes canticos, tornados alli a um tempo thesouro de saudades e pharol de esperanças.

Nesses dias nefastos o livro do poeta fez-se evangelho da patria.

Com effeito, do mais temeroso da cerração levantara-se com o carne novo de um agonizante a estrella precursora de nova manhã. Os raios consoladores do astro recémado, invisivel aos intrusos, que lhe não podiam bem medir a intensidade e alcance, illuminaram e aqueceram em toda a longa noute os corações enluctados e transidos.

No recesso do lar violado ficara esse lume, perenne como o de Vesta, vigilante como a lampada do sanctuario, lavrando até se atear incendio — incendio que ia estampar no ceu o clarão de outra aurora!

Se nunca houve codice mais completo de respeito e amor patrio, forçoso será reconhecer que nunca nenhum tambem surgiu tão opportuno. E, em verdade, que mais a proposito para fazer apreciar tal obra e levantar com ella os animos abatidos, do que a amarga quadra de desenganos que tão de perto se seguiu a funestas illusões? Que outra composição de igual índole melhor se inspirou do sentimento da nação? Que outra com ella melhor se identificou? O lavor glorioso, traçado para carro de apotheose, veio assim a ponto para servir de segundo berço.

Na adversidade e na oppressão — tudo nol-o diz — aquelle foi seguramente o varonil conforto e o secreto estimulo. Como havia de perder a fé nos proprios destinos gente que, entre raptos de entusiasmo avivado pelo contraste dos tempos, lia em familia os seus annaes por semelhante modo engrandecidos, e nelles se revia hobreando com o mais venerado e portentoso da antiguidade?

Cobrira e devastara tudo a invasão, como um rio trasbordado. Sobrenadara porem a lingua, e com ella se conservara integro no egregio e recente monumento o inventario dos titulos e bens patrimoniaes. Isso bastou para a triumphante revindicação.

Nem este eventual predicamento, se não já intimo presentimento, faltou ao poeta para mais o altear e de veras o fadar propheta!

Recusava La Harpe á *Pharsalia* de Lucano a qualificação de poema epico “por não ser mais do que historia em verso.” O erro d’estas qualificações extrinsecas está hoje reconhecido e refutado. As preeminencias de epopeia não são exclusivas nem inherentes a moldes uniformes. Que o poema adopte ou não o accessorio de qualquer symbolismo é pura questão ornamental, consoante ás influencias litterarias de cada epocha, — á moda, diremos, que até ahí actuam e regem modas. A epopeia não está no heroe, mas na acção. Bem o sentia em si V. Hugo, quando, no mais possante e grandioso da sua inspiração, assim apostrophava o primeiro Napoleão acerca das conquistas imperiaes:

... .. “ Sire, cette épopée,
Que vous aviez écrite avec l’épée,
Arcole, Austerlitz, Montmirail!

É indubitavelmente epica a acção quando synthetisa um periodo capital no viver colectivo da humanidade.

O sabio Edgard Quinet claramente demonstrou que nos primeiros tentames da poesia existem os primeiros rudimentos da historia. Nos confins d’esta – a guerra de Troya e a fundação do Lacio designam successos que, por assombrosos ou decisivos, se gravaram na imaginação do vulgo com o usual complemento de intervenções maravilhosas, tão grato á infancia dos povos como á dos individuos.

Foi em toda a parte e em todos os seculos a epopeia a condensação d’estes cantares primitivos. Homero apparece-nos como o poeta magno da Grecia justamente por haver colhido e incorporado as versões dispersas dos rápsodas seus predecessores, trovistas nomadas, successivos depositarios da musa popular. Virgilio, imitando Homero e seguindo, como elle, a tradição oral, *genius loci*, teceu-a com as crenças herdadas. Estes grandes exemplares, consagrados pela geral admiração, estabeleceram um como preceito de arte, cuja auctoridade, mais convencional que real, passou de seculo a seculo. O mytho grego sobreviveu assim á sociedade de que fôra dogma, chegando á renascença tornado já de credo theogonico em elegante ficção ou simples allegoria.

A essência epica da *Divina Comedia*, epilogo também do misticismo da meia-idade, vem da porfiada lucta politico-religiosa que, durante dous seculos, tritura e abrasa a Europa central, preparando-a para outros destinos. A *Jerusalem Libertada* assignala o immenso movimento politico iniciado com as cruzadas. Os *Lusiadas* illuminam uma nova transformação do mundo, determinada pelos descobrimentos e navegações portuguezas.

Assim se vê que é sempre a epopeia como o nobre frontal de uma era innovadora e memoravel. É theologica, heroica e historica, separada ou conjunctamente, segundo as fontes d'onde emana; mas é sobre tudo epopeia pelos effeitos de que se faz suprema expressão e memoria.

Simultaneamente heroico e historico se nos apresenta o poema de Luiz de Camões: defronta com os da *Pharsalia* e da *Eneida*, superior a ambos no desenho e no assumpto; e nem por ter tanto de historico parecerá menos epico, apesar de quaesquer prevenções escolares.

Quando a historia compete em prodigios com a fabula, mais cresce e mais se affirma a impressão de grandeza que é a substancia da epopeia; quando no canto historico vem espontaneamente fundir-se as narrativas avulsas em que o estro anonymo perpetuou os lances capitães de uma genese civilisadora, como negar a esse canto, concretação artistica dos mais vivazes elementos, remate sublime de um vasto edificio, o authenticos e legitimo caracter epico?

Se não, examine-se. Debalde se buscaria na *Henriada* a epopeia franceza, que vive ainda em estado embryonario nos cantares do cyclo carlovingiano. De igual modo e por identidade de razão o *Romancero* de Cid deve ser considerado a verdadeira epopeia da Hespanha. Numa e noutra região, ás ultiores tentativas da arte pura faltara o assumpto, a “natureza epica” dos tempos fecundos e iniciantes, que palpitam nos ingenuos poemas originarios. O vasto pensamento que sonhara o impossivel de reconstituir o imperio do Occidente, é em realidade, — sem embargo das *Capitulares*, sem embargo dos *missi dominici*, — o grande prefacio do periodo feudal. A lenda magnifica do *Campeador* é verdadeiramente a ardente alvorada da idade da cavallaria.

Se volvemos ainda os olhos a outro grande centro de movimento intellectual, a ode interminavel de Klopstock, o poema philosophico de Goethe, com serem de tão vigoroso folego, representam muito menos a epopeia germanica do que o *Heldenbuch*, ou livro dos heroes, d'onde se desentranham os mais claros vestigios das canções guerreiras com que lombardos e godos, levando comsigo novos germens de vida, marcharam a sobrepôr-se ao mundo romano, corrompido e caduco.

Quanto se poderiam multiplicar os exemplos e as provas, se fôra intento nosso tractar aqui tão larga these!

É este porem apenas um indiculo, não memoria. Seria pois escusado allegar mais.

Bastará apenas deixar consignado, para apartar ociosas porfias, como é hoje ponto decidido — que menos talvez do que outro se subordina este genero poetico ás accidentaes questões de forma, — sobre tudo da forma, bem ou mal, denominada classica. E tanto será forçoso assim entender-se, que, se quizessemos determinar o verdadeiro modelo e prototypo das epopeias litterarias, teriamos de procural-o muito alem de Virgilio, de Homero e ainda de Hesiodo, os mestres encartados, para o irmos encontrar, não na *Odyssieia* nem na *Iliada*, mas na *Ramayana*; não já nos traslados jonicos, mas nas origens indiaticas, — sendo forçados a confessar que a mesma poetica de Homero não é uma creação, mas um reflexo.

Prescindindo por tanto de todas as controversias de forma, e não considerando o poema dos *Lusiadas* senão na sua mais independente e genuina significação, *intus* mais do que *in cute*, achamos ainda nesse conjucto de primores o cunho de um dos mais poderosos e completos engenhos epicos de que o mundo se ufana.

Com boa razão e lição escreveu o snr. Demogeot, um dos mais recentes, modestos e conscienciosos historiadores da litteratura franceza: “natural effeito da epopeia é o reproduzir, como um vastíssimo espelho, a physionomia da epoca que a procreou.” Que poeta mais talhado para entender, e ao vivo representar o seu vasto e mobil assumpto do que Luiz de Camões, moço entusiasta, sahido do berço dos novos estudos tão saturado d’elles como o attestam numerosas e eloquentes estrophes, soldado e navegador destemido, observador inimitavel, como o certifica o superior testemunho do barão de Humboldt?

No seu paralelo entre Homero e Virgilio, diz, não sem plausibilidade, o abbade Trublet que Virgilio quiz ser poeta, “e pôde fazer-se poeta,” mas que Homero “não podia deixar de o ser.” O mesmo, e ainda com mais propriedade e certeza, se dirá de Camões, a quem admiravelmente ajusta o que Horacio applicou a Vario, talvez por inveja de Virgilio:

..... Forte epos acer
Ut nemo!

Tão poeta fadara Deus o auctor dos *Lusiadas* que bem se pôde affirmar que nascera cantando. Mas o tornar-se ao mesmo passo tão da musa e tão da patria, tão grande e tão nosso, deveu-o elle não menos ao dom celeste, que lhe foi commum com outros, do que ao immenso e indestructivel carinho que o prendia á terra sagrada aonde regressara, viajor exausto, para se reclinar e morrer; — deveu-o sobre tudo áquellas geniaes faculdades, áquella ainda não cabalmente aquilatada sciencia e presciencia que lhe permitiu de um golpe

abraçar o passado e antever o futuro, — polir a lingua, com a lingua diffundir a historia, — com a historia preparar o resgate de um povo, que foi tanto o seu povo, e de quem por isso é elle, e será sempre, o poeta summo, o vate-Messias, o mais amado interprete.

Por estas considerações resolve o abaixo assignado commetter a empreza, não vulgar nem facil, de tentar, depois de tantas e tão meritorias reimpressões dos *Lusiadas*, uma que possa corresponder ao que o poema está pedindo dos actuaes progressos e do reconhecimento da nação.

Para concluir numa palavra, digo emfim, sem pompa de promessas, que empenharei sinceros esforços para que, na sua execução, de todos os modos comprehendida, esta edição não desmereça do monumento.

Porto, 1.º de janeiro de 1880.

EMILIO BIEL,

Editor

COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2024

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

EDIÇÃO LIMITADA É UM SELO DA FARO EDITORIAL
A OBRA DE LUÍS DE CAMÕES ENCONTRA-SE EM DOMÍNIO PÚBLICO.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**
Coordenação editorial **CARLA SACRATO**
Assistente editorial **LETÍCIA CANEVER**
Preparação **PATRICIA COELHO**
Revisão **BÁRBARA PARENTE**
Capa e diagramação **OSMANE GARCIA FILHO**
Imagem de capa **FARO EDITORIAL**
Imagens internas **DOMÍNIO PÚBLICO**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Jéssica de Oliveira Molinari CRB-8/9852

Camões, Luis de, 1524?-1580
Os lusíadas / Luís de Camões. — São Paulo : Faro Editorial,
2024.
352 p. : il. color.

ISBN 978-65-5957-507-7

1. Poesia portuguesa I. Título

24-0324

CDD-P869.3

Índice para catálogo sistemático:
1. Poesia portuguesa

EDIÇÃO LIMITADA



ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM MARÇO DE 2024

1ª edição brasileira: 2024
Direitos de edição em língua portuguesa,
para o Brasil, adquiridos por FARO EDITORIAL

.....
Avenida Andrômeda, 885 — Sala 310
Alphaville — Barueri — SP — Brasil
CEP: 06473-000
www.faroeditorial.com.br